

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E PERSPECTIVAS PARA PESQUISAS FUTURAS

Para a investigação sobre a imagem masculina nos dois livros de *auto-ajuda* sob o ponto de vista psicossocial, e com enfoque no aspecto da comunicação interpessoal, tomou-se como instrumento metodológico a Análise de Discurso. O Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS) - que subsidiou este trabalho com uma ferramenta adequada ao campo da Psicologia na pesquisa qualitativa -, propõe o trabalho a partir de categorias para operacionalizar a análise dos *corpi*. Assim, partiu-se da categoria *comunicação* em dois aspectos diferentes: *como o homem fala com a mulher* e *como o homem escuta a mulher*.

Vive-se, atualmente, uma época de transformações turbulentas nos contextos social, cultural e familiar. O rebuliço nas relações de gênero e o rompimento das normas tradicionais dos papéis masculinos - moldados socioculturalmente -, refletiram de forma significativa na relação homem-mulher e estão tornando complexa a determinação do conceito de como *ser homem* nessa sociedade. Face a isso, o homem está colocado diante de turbulências em seus padrões comportamentais. Há um impacto nos relacionamentos interpessoais, o que leva o homem a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento frente à sua parceira. Diante desse novo panorama, o representante do sexo masculino tem se deparado com uma espécie de *tarefa obrigatória* no tocante à busca de acompanhamento e adequação acerca da escolha do seu papel. Dentre as novas e variadas atribuições que caracterizam esse papel masculino, encontra-se a busca de um relacionamento afetivo-sexual bem sucedido, incluindo-se o aspecto da *comunicação* interpessoal - entendida, neste trabalho, como uma ferramenta de vinculação e integração social.

Diferentemente dos tempos da sociedade patriarcal, no cenário atual da cultura brasileira, o homem está se deparando com uma brusca revolução na sua condição masculina, na psicologia do homem, na referência à sua masculinidade, e no modelo antigo de *ser homem*. Com a desconstrução das imagens tradicionais de feminino e masculino, vem-se lançando questionamentos e exigências sobre o(s) papel(éis) do homem, o que tem provocado, na maioria deles, incertezas, conflitos, sofrimento pelo medo do desconhecido, dúvida em correr riscos nas mudanças de formas de vida, dificuldade em lidar com novas indicações e normas

socioculturais, e confusão no tocante ao *que* papel desempenhar e a *como* se comportar nos diversos campos da vida (dentre eles, o do relacionamento afetivo-sexual). Surge, então, nesse panorama, o delineamento de um fenômeno social intitulado *novo homem*, que abarca em seu perfil uma transição de identidade (o papel masculino e suas transformações) que, por alguns teóricos, é nomeada como *crise*. Não há mais um modelo único de comportamento, nem masculino nem feminino, que possa funcionar como guia de orientação. Na sociedade brasileira contemporânea há uma mescla de valores antigos e modernos coexistindo num mesmo patamar, criando, sob alguns aspectos, padrões de conduta - que são produtos modelados por fatores históricos socioculturais -, e ideais inalcançáveis.

Os padrões de conduta para a relação homem-mulher também são veiculados pelo mercado de *literatura de massa*, voltada para o gênero *auto-ajuda*. Discurso que, além de passar informações, valores e normas socioculturais, visa também influenciar nas mudanças de hábitos e condutas, desencadeando ou transformando padrões comportamentais. Assim, na contemporaneidade, a realidade discursiva da mídia não pode ser excluída da compreensão do social, do cultural e do familiar, já que, dentre outras possibilidades, recorre-se à mídia como fonte norteadora para adaptação às mudanças apresentadas. O crescente sucesso da literatura de *auto-ajuda* para casais (também nomeada de *psicologia popular*), repleta de receitas práticas, denuncia essa demanda - aprendizado.

Os livros adotados para estudo nesta dissertação - *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor? Uma visão científica (e bem-humorada) de nossas diferenças* (Pease e Pease, 2000) e *Homens são de marte, mulheres são de vênus: um guia prático para melhorar a comunicação e conseguir o que você quer nos seus relacionamentos* (Gray, 1995) - apresentam propostas de orientação aos casais para a conquista de êxito na relação homem-mulher, e assim, inserem-se na classificação mercadológica de *auto-ajuda*.

A principal promessa de Pease e Pease engloba a conquista de um relacionamento feliz no qual será possível administrar as diferenças com o sexo oposto. Oferecem dicas práticas tanto para os homens quanto para as mulheres, portanto, entende-se que o discurso tem como alvo ambos os sexos. Entretanto, os autores caem em contradição - invalidando seus próprios argumentos -, quando afirmam que um livro de *auto-ajuda* pode ser tomado pelos homens como ofensa no sentido de humilhação, como indicação de falta de autonomia, e como um

atestado de perdedor. Pode-se afirmar que os autores provavelmente não consideram a obra classificada no gênero *auto-ajuda*, ou então, não cumprem suas promessas na totalidade - na verdade, escrevem só para as mulheres. A proposta de Gray é disponibilizar sugestões, estratégias e técnicas para o sucesso em criar relacionamentos amorosos, como também para resolver os problemas que surgem das diferenças entre os sexos. Logo, fica entendido que seu público alvo abrange tanto os homens como as mulheres. Entretanto, aplica-se ao contexto de seu discurso a mesma situação dos outros autores quanto a anulação dos próprios argumentos. Gray declara que os homens não lêem livro de *auto-ajuda*, pois não estão focados em relacionamentos (mas sim em *objetos*, fatos e atos externos como, por exemplo, caçar e ver notícias em televisão) e, ainda, porque buscam a faculdade de se governarem por si mesmos, como uma fuga à demonstração de necessidade de ajuda.

Contradições a parte, para o atendimento à necessidade psicossocial dos casais - de orientação à condução dos seus relacionamentos afetivo-sexuais -, os comunicadores/argumentadores (uma espécie de *consultor* para a relação homem-mulher) pressupõem um panorama de valores e crenças pessoais pertencentes aos seus leitores para, então, guiarem e modelarem os discursos literários. Pela análise dos discursos de *auto-ajuda* foi possível uma explicitação dos valores, regras e conceitos que mapeiam esse grupo social ao qual pertencem os discursos: os leitores - que, como sujeitos de uma determinada sociedade, internalizam um conjunto de valores sociais vigentes em um determinado período (construindo-se e reconstruindo-se como sujeitos em conformidade).

Especialistas que trabalham com o gênero *auto-ajuda* - literatura de massa - têm a proposta de escrever para a população em geral. Constatou-se que os discursos analisados estão direcionados para um grupo de pessoas - casais (quer seja como unidade ou membro do par em separado) - que valorizam a manutenção de seus relacionamentos por meio da conquista de harmonia em áreas específicas ou de forma geral. E também, preocupam-se em solucionar os problemas vivenciados. Nesse perfil de grupo social pode-se traçar um público mais exposto a veículos de ideologias de modernização, pertencente à classe urbana, não necessariamente com algum conhecimento acadêmico especializado ligado à psicologia, provavelmente de nível sócio-cultural médio (pelos custos dos livros variando entre R\$ 28,00 e R\$ 45,00, bem como pelas linguagens dos textos com

termos mais rebuscados que a linguagem do senso comum).

No discurso de Pease e Pease, os autores mencionam que o livro é um *manual* para o estabelecimento de uma relação harmoniosa entre homens e mulheres, seja no casamento, na vida profissional ou na forma de educar os filhos. Todavia, observou-se que o texto está voltado para casais cujo vínculo seja de ordem afetivo-sexual, podendo ser uma união formada legalmente ou não. Já Gray, explicita que o livro é um *guia* para parceiros amorosos que sejam casados - marido e esposa -, direcionando-se, especificamente, para o leitor que vivencie um relacionamento matrimonial¹.

Na qualidade de comunicadores/argumentadores, especialistas em discursos de *auto-ajuda* para casais, tanto Pease e Pease quanto Gray lançam mão de variadas técnicas argumentativas para persuadir o leitor, ditando regras, valores e normas para o alcance de sucesso na relação interpessoal. Dentre elas, pode-se mencionar quatro: 1ª) a busca da identificação entre o discurso literário e o leitor (pela disponibilização, pelos autores, de uma multiplicidade de valores - às vezes, conflituosos entre si -, e os conflitos internos com que se deparam, tanto homens quanto mulheres, na atualidade, na condução dos relacionamentos afetivo-sexuais); 2ª) a repetição constante de idéias, no decorrer de toda a extensão dos textos, reafirmando-as (com variedade de termos e expressões no vocabulário) sempre as já lançadas em páginas anteriores (trabalhando, dessa forma, por repetição exaustiva, o convencimento do leitor); 3ª) a ilustração do discurso por meio de exemplos dos relacionamentos pessoais dos argumentadores; e 4ª) as estratégias de lançamento dos livros no mercado brasileiro.

No tocante às técnicas argumentativas, especificamente no caso de Pease e Pease, destacaram-se em seus discursos de modo significativo: a adoção de exemplos de resultados de pesquisas supostamente científicas, o lançamento de uma forma de humor para a exposição de suas idéias, um linguajar taxativo, peremptório e pueril, a tradução do título com apelo afetivo-sexual, a inclusão (na capa do livro) de uma figura representativa da intimidade sexual - cama de casal -, e a escolha de um *slogan* para circulação na mídia, também com invocação de ordem sexual. Já Gray, optou por argumentos como a sinalização da ausência de informações, em grande parte do mercado, com referência ao modo *como* homens

¹ Matrimônio, segundo Ferreira (1986, p.1104), é a “união legítima de homem com mulher; casamento”.

e mulheres são diferentes, propondo-se, então, a preencher essa lacuna. Valoriza-se como escritor e conhecedor do assunto por meio da propaganda de outra obra de sua autoria, que trata dos *por quês* dessas diferenças entre os sexos. Fundamenta seus argumentos pela sua prática clínica de 34 anos em aconselhamento a casais, bem como de seminários ministrados (em âmbito internacional) sobre relacionamentos. O autor lança mão de um discurso com estilo ingênuo e lúdico infantil (*era uma vez...*). Traz, ainda, exemplos de seu estilo pessoal matrimonial de comunicação. Quanto às estratégias para lançamento de sua obra no mercado brasileiro, adotou-se a capa com uma configuração leve e neutra no tocante ao apelo sexual e, ainda, a escolha das cores azul e rosa relembrando o tempo infantil das figuras masculina e feminina.

Como pressupostos teóricos declarados na análise do texto de Pease e Pease, encontrou-se uma enfática abordagem biológica como resposta à questão apresentada no próprio título do livro - *Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?* -, ou seja, a razão das diferenças entre o homem e a mulher. Contudo, considerações de ordem sociocultural se fizeram presentes no decorrer de seus discursos, ainda que, por meio de discretas expressões, o que trouxe à tona a contradição dos autores no compromisso formado com o leitor. Os princípios teóricos formalmente expressos por Gray partiram de sua extensa experiência profissional em cursos e aconselhamento de casais. Conforme a afirmativa na capa do livro - *Homens são de marte, mulheres são de vênus* -, o autor propõe-se a definir essas diferenças entre homem e mulher declarando que não abordará a multiplicidade de causas que abarcam-nas. Todavia, revela com discrição no decorrer de seu discurso, origens de ordem psicológica, social, cultural e biológica. Isso, de certa forma, marca uma quebra de sua promessa ao leitor, conforme ocorrido também com Pease e Pease.

Pelas análises intra- e inter-discursivas, foi possível pesquisar a imagem masculina veiculada nos livros de *auto-ajuda*. Pease e Pease têm, como lema básico, que os homens são apenas diferentes das mulheres - sem predeterminação de uma hierarquia de valor entre os sexos -, e ressalta a importância fundamental da *comunicação* entre os membros do par como facilitadora de uma relação bem sucedida. Gray aborda, como princípio essencial, o reconhecimento de que os homens são completamente diferentes das mulheres em todas as áreas de suas vidas e, dentre elas, destaca-se a *comunicação* masculina, pois eles usam uma

língua diferente para se comunicar com as mulheres. De certa forma, em um estilo próprio.

As análises intra-discursos das obras de Pease e Pease e de Gray foram apresentadas em cinco e dez temáticas, respectivamente, no primeiro aspecto da *comunicação* masculina - *como o homem fala com a mulher*. Pôde-se concluir, com base nos resultados alcançados, que na visão de Pease e Pease o homem está configurado como resistente ao diálogo, com capacidade verbal inferior à das mulheres e não tendo desenvolvido a habilidade de *comunicação*. Apresenta pouca inclinação para a conversação, possui vocabulário amplo, estilo objetivo e direto (muitas vezes interpretado, pela mulher, como rude, e sendo essa interpretação não compreendida pelo homem). Ele também é introspectivo para raciocinar e elaborar a fala, com tendências a uma postura focada para o *fazer* e o *solucionar*, sem explicitar as emoções enquanto pensa. Também é visto pelos autores como incapacitado para desempenhar mais de uma atividade ao mesmo tempo, argumenta sem se envolver emocionalmente, com receio de perder o controle das emoções durante uma conversa (precisa manter-se firme), tem dificuldade em verbalizar uma declaração de amor (recorrendo ao sexo como meio de manifestar esse sentimento) e, quando casado, apresenta desinteresse em conversar com a parceira.

Já na perspectiva de Gray, o homem apresenta uma língua própria (simples, sucinta e concreta), com atribuição de significados às palavras distintos daqueles atribuídos pelas mulheres. Muitas vezes, com seu estilo de fala, provoca na mulher o sentimento de descaso ou desamor, o que estimula em si próprio a impressão de estar sendo depreciado (uma vez que não compreende a reação dela). Por sua dificuldade em lidar com os próprios sentimentos, quando se sente criticado por sua parceira, tem uma postura de auto-defesa, tornando a comunicação interpessoal conflituosa, caracterizando, assim, um ciclo vicioso de *ação-reação*. O homem é despertado/estimulado a iniciar uma discussão ou uma conversação ou a expor seus próprios problemas quando se vê frente a certos sentimentos, tais como: inferioridade, constrangimento por ter provocado alguma decepção, tristeza por uma falha pessoal, maltratado por ser alvo de algum ataque, ou angústia pela sua necessidade de buscar conselho. A motivação para a fala situa-se na necessidade masculina de obter afeto e validação feminina, apresentando dificuldades em lidar com os próprios sentimentos inclusive quando

sente que não conquistou essa admiração. Resiste a pedir ajuda para si próprio, recorrendo na maior parte das vezes à introspecção e ao silêncio - seus distintivos -, portando a obrigatoriedade de mostrar-se auto-suficiente e merecedor da confiança feminina. É viciado (silenciosamente) na busca pelo sucesso porque acredita que isso o tornará digno do apreço feminino. O homem declara o seu amor através de palavras de conforto, ou ainda, pela resolução de problemas. Quando há envolvimento sexual entre os membros do par, ele, muitas vezes, toma as discussões pelo lado pessoal e, dessa forma, não consegue ter uma postura de neutralidade em face da parceira.

O segundo aspecto da *comunicação* masculina - *como o homem escuta a mulher* - foi abordado em quatro e cinco temáticas, respectivamente para Pease e Pease e Gray, pelas análises intra-discursos. Nesse aspecto, sob a ótica de Pease e Pease o homem está representado com uma percepção literal na escuta, com dificuldade em acompanhar um raciocínio indireto, sendo o funcionamento de seu cérebro estruturado *logicamente*, ouvindo e definindo as palavras que ouve; sente-se ansioso e pressionado ao escutar a mulher porque a interpreta pedindo socorro, devendo mostrar-se sempre sereno e inalterável no momento da escuta, evidenciando, assim, auto-controle das emoções. A escuta do homem é condicionada a ter que apresentar alguma solução à mulher, pois procura ser validado e admirado por ela, buscando no préstimo e no sucesso uma ferramenta para essa conquista. Pelo panorama de Gray o retrato do homem abarca a forte necessidade de ser útil, aceito e amado pela mulher, o que o leva a uma postura de aconselhamento ou oferta de soluções, tomando sua própria atitude como uma demonstração de afeto pela parceira. Ele precisa demasiadamente de ser encorajado e admirado por ela para escutá-la. Sua dificuldade em lidar com os próprios sentimentos, bem como sua necessidade de se mostrar controlador da situação e auto-suficiente, refletem-se, por exemplo, quando sua escuta suscita nele uma sensação de estar sendo criticado, partindo, então, para o ataque verbal ou para a introspecção (muitas vezes, pelo medo do confronto), abalando, consequentemente, a *comunicação* entre os membros do casal. Solicitações apresentadas ao homem de forma direta e objetiva, em geral, dá a ele a impressão de que está fazendo um favor à mulher, o que o torna mais receptivo e prestativo. Por não ter sido educado para tal, o homem tem dificuldade em lidar com a expressão verbal dos sentimentos da mulher e, por isso, apresenta o

comportamento de afastamento e, posteriormente, aproximação, conduta essa associada ao movimento de um elástico. Há também tradução literal na escuta, o que provoca no homem sensações como nervosismo e confusão, por não compreender o exato significado feminino das palavras que ouve. O homem precisa, ainda, escutar da mulher a admiração e confirmação de seu sucesso.

Pelo exposto, apesar dos autores das obras de *auto-ajuda* dirigirem-se, explicitamente, ao homem que vive nos séculos XX (anos 90) e XXI, pôde-se constatar que a imagem do sexo masculino - objetivo principal deste trabalho - foi delineada contemplando nos dois livros uma variedade de atributos que se encaixam em três campos de classificação, a saber: visão da contemporaneidade, visão tradicionalmente antiga ou contemporânea, e, ainda, visão que abarca, ao mesmo tempo, valores antigos e atuais. Por meio das sete temáticas analisadas inter-discursivamente, para o delineamento global da imagem do homem, observou-se que no tocante à visão exclusivamente contemporânea, só se aplica à apresentação do homem com potencial para o aprendizado e aperfeiçoamento da habilidade de *comunicação* interpessoal com a mulher. Com referência as características masculinas excludentes, provenientes da visão antiga ou da contemporânea, consideraram-se os aspectos das decorrências de seu estilo próprio de fala com a mulher. Já as visões mescladas num mesmo patamar - antiga e contemporânea - incorporam as outras cinco temáticas desenvolvidas (o seu modo introspectivo na relação interpessoal, a sua dificuldade em lidar com os próprios sentimentos, a tradução rigorosa na escuta - ao *pé da letra*, o sentido de identidade vinculado ao sucesso, e a busca de validação e reconhecimento feminino).

Merece destaque a sinalização de que os autores formatam a imagem do homem, basicamente, com os mesmos pontos de vista, diferenciando-se, apenas, em dois focos. O primeiro refere-se às posturas explicitadas ao leitor sobre os pressupostos teóricos em que se fundamentam para a elaboração de seus discursos (ainda que contradizendo-se, posteriormente, em seus argumentos); e o segundo foco trata da maneira de lidar com a exposição de suas idéias ao leitor: Pease e Pease adotaram um estilo provocativo para retratar a relação homem-mulher, e Gray, um modo pacificador, uma linguagem mais explicativa e rebuscada, um tom de maior cautela e seriedade em sua expressão escrita, e revelando-se como um argüente mais cuidadoso na elaboração e exposição de seus pontos de vista ao

leitor.

Relacionando a constituição da imagem do homem, aos estudos acadêmicos recentes, alguns aspectos são, de fato, corroborados: 1º) aqueles referentes à potencialidade masculina para o aprendizado e desenvolvimento da habilidade objetivando uma melhor *comunicação* interpessoal com a parceira; 2º) de sustentar com dificuldades os próprios sentimentos - positivos ou negativos -, ou mesmo, escondê-los no relacionamento afetivo-sexual. Nesse ponto, cabe, entretanto, a observação de que os escritores de *auto-ajuda* englobam, em suas idéias, considerações de ordem biológica, social e cultural - diferentemente dos estudos acadêmicos apresentados, que focam predominantemente influências provenientes de repressões socioculturais; 3º) a tradução de maneira demasiadamente literal no momento da escuta à mulher, assim como a sinalização desse fato como um forte motivo de mal-entendidos na *comunicação* entre os membros do par; 4º) a importância, para o homem, do sucesso em seus empreendimentos, da competência, da concretização de metas estabelecidas, do poder e prestígio tomados e vinculados, por ele, ao sentido de sua própria identidade. Sob esse aspecto, vale destacar, com relação aos estudos acadêmicos, que Pease e Pease creditam, como justificativa para esse desejo pelo sucesso, as influências dos fatores orgânicos em primazia dos socioculturais; e 5º) a acentuada valorização do afeto e reconhecimento pela mulher, direcionados a si próprio como seu parceiro, para a manutenção do equilíbrio psicológico masculino, bem como para apoio aos seus conflitos internos.

Por outro lado, não encontram respaldo nos trabalhos acadêmicos sobre a imagem masculina, pelo menos em sua totalidade: 1º) a idéia de que, muitas vezes, o homem, pela sua configuração biológica, é levado a uma fala grosseira ou rejeitadora ao dirigir-se à parceira. Pelas pesquisas acadêmicas, isso sinaliza uma análise reducionista sobre a *comunicação* interpessoal masculina, sem que seja colocada em perspectiva, nesse contexto, contribuições provenientes de outras fontes como, por exemplo, as de ordem situacional, psicológica, social, cultural ou inter-relacional; e 2º) a quietude e o silêncio do homem, por estarem demarcados, assertivamente, como atributos negativos e provocadores de conflitos na interação afetivo-sexual. Essa postura de negatividade segue na contramão dos trabalhos acadêmicos, que destacam o silêncio em si como algo normal na comunicação interpessoal, e alegam que o mesmo, quando simbolizado como inconveniente,

está associado à dificuldade das pessoas em se relacionarem com a quietude em si próprio ou presente em terceiros.

Nesta dissertação não se pretendeu definir um protótipo determinante de imagem do homem, veiculado nos discursos de *auto-ajuda* para casais, uma vez que aqui abordaram-se pontos de vistas de escritores específicos - Pease e Pease e Gray, considerados como representativos de uma amostra significativa de títulos e escritores desse gênero de *literatura de massa: auto-ajuda/relações interpessoais*. A pretensão na pesquisa se posicionou em buscar o molde de construção do personagem masculino, sendo difundido/propagado por um meio de *comunicação de massa*, que trata de instruções e promessas de alcance garantido de sucesso, felicidade, harmonia e duradoura relação homem-mulher. E tudo isso, como fonte de informação e orientação tomada como referência de conduta, numa sociedade cada vez mais complexa, onde os desafios no convívio afetivo-sexual aumentam aceleradamente, criando também, como consequência, uma febre de consumir regras.

Na minha prática de psicologia clínica, uma grande parte das queixas masculinas, no processo psicoterápico, engloba as dificuldades de posicionamento e condução do relacionamento afetivo-sexual em relação à parceira, bem como de comunicação interpessoal com ela. As lamentações e ressentimentos apresentados pelos clientes carregam consigo desejos de mudanças e procuras por orientação, no tocante ao *como* se relacionar de modo satisfatório. Demandas essas que são explicitadas tanto pela busca de psicoterapia, como pela elevada vendagem da literatura de *auto-ajuda* no mercado brasileiro.

No cotidiano e no exercício de minha profissão, observo a reprodução desses discursos circulantes na mídia, o que me faz constatar que muitas das expectativas verbalizadas pelos membros do par, na relação homem-mulher, podem estar sendo construídas e/ou influenciadas por contribuição desse gênero de literatura. Além disso, *auto-ajuda* pode estar funcionando como um instrumento aliado, anterior, ou, ainda, substituto, à busca de um trabalho clínico psicoterapêutico pelo casal como unidade ou por cada membro do par individualmente. Vale destacar, contudo, que possivelmente, os *manuals* de Pease e Pease e Gray sejam lidos por homens, mulheres ou casais, que nem sempre fazem uma leitura crítica, não observando, portanto, as contradições dos autores, nem avaliando de forma criteriosa os conceitos que norteiam os textos lidos, e

podem acabar, muitas vezes, adotando os princípios e conselhos oferecidos, como guias de conduta adequada. Vale lembrar que há também um antagonismo nos valores apresentados na sociedade - muitas vezes despercebido pelos casais que recorrem à literatura de *auto-ajuda*, por acreditarem que seus conflitos são decorrentes apenas de suas características pessoais, e não desse produto cultural que semeia, também, expectativas impossíveis de serem alcançadas.

A imagem do homem, nesse contexto sociocultural, está de certa forma, espelhada nesses livros de *auto-ajuda*. Na contemporaneidade, encontram-se exigências de conduta masculina que englobam um modo mais tradicional, provedor, forte, bem sucedido, em paralelo a uma postura mais atual, não necessariamente provedora, mais sensível, dentre outras. Esse perfil foi, em grande parte, encontrado nos discursos de *auto-ajuda*, em que a imagem do homem configura-se incorporando atributos antigos e contemporâneos. Logo, esses dois livros de *auto-ajuda*, reverberam uma imagem masculina já encontrada na sociedade, disponibilizando para o homem um leque de condutas que, provavelmente, o levará aos mesmos conflitos já vivenciados por ele, o que já é corroborado por pesquisas acadêmicas atuais (tais como Jablonski, 2003, 2001, 2000, 1999, 1998, 1995, 1989; Cuschnir e Mardegan Jr., 2001; Gratch, 2001; Cuschnir, 2000, 1999; Goldenberg, 2000, 1999, 1991; Da Matta, 1997; Nolasco, 1997, 1996; Barasch, 1997 e O'Brien, 1994).

Como se trata de livros de *auto-ajuda*, o homem individualmente, e até mesmo o casal, recorre a esse instrumento como fonte de orientação, esperando, muitas vezes, conseguir solucionar seus problemas vivenciados na época atual. A mídia, de alguma forma, contribui significativamente com orientação, educação e informação à população em geral, papel esse cada vez mais atuante nos meios das relações afetivo-sexuais, nas famílias, nas relações trabalhistas, entre muitas outras áreas. Os discursos veiculados nesses dois livros apresentam, pelo menos, a contribuição no sentido de abordarem algumas diferenças existentes entre homens e mulheres e oferecerem, com dicas práticas, orientações para a *comunicação* mais eficaz/positiva entre os membros do par, tema/problema esse recorrentemente explicitado em atendimento psicoterápico.

Apesar dos livros auxiliarem o homem em sua relação afetivo-sexual, eles podem ter, como resultado de leitura, a não solução ou agravamento dos problemas vivenciados pelo homem e/ou casal. Essas pessoas podem chegar à

clínica psicoterápica com a sensação de fracasso pessoal, e é importante para o psicólogo localizar as tentativas anteriores de solução, percebendo o percurso de busca para um equilíbrio emocional, o que é bastante significativo para o histórico da relação.

Frente aos resultados desta pesquisa, pode-se vislumbrar um trabalho psicoterapêutico em prol de uma busca de menos expectativas ou angústias para o cliente (homem, mulher ou casal), através do foco em uma maior conscientização sobre os seus próprios desejos internos, sobre a sua realidade subjetiva, sobre as suas próprias possibilidades e limitações, substituindo, portanto, as possíveis infundáveis performances como respostas de adequação às demandas do contexto sociocultural. E aí, então, retorno às considerações, já mencionadas nesta dissertação, sobre a importância de se observar a história de vida desse cliente, as condições em que foi socializado, a sua idade e estrutura orgânica, entre muitas outras variáveis. Na minha opinião o representante do sexo masculino deve buscar, complementarmente, o aprendizado para o conviver saudável² (não tenso) com a concomitância do modelo hegemônico de *ser homem* e dos novos e sortidos padrões socioculturais (às vezes, contraditórios) sobre o masculino presentes na sociedade da época atual. Penso que, dessa forma, a construção de uma relação de modo satisfatório (consigo próprio e com o sexo oposto) seja possível, moldada ao estilo de uma *personalização*, e não, ao estilo de uma *popularização generalizante*. Creio, porém, na existência da própria dificuldade do ser humano em lidar com: 1º) o correr riscos de novas experiências; 2º) a liberdade de poder escolher qual(ais) *papel(éis)* quer para posicionar-se na relação interpessoal com o sexo oposto; 3º) as críticas e rejeições provenientes daquelas pessoas mais temerosas em fugir de um determinado padrão de conduta e poder assumir a si própria, como pessoa e como membro de um par afetivo-sexual. Assim, reconheço que essa parece não ser uma tarefa simples e, provavelmente, só seja alcançada por meio de um atencioso trabalho psicoterapêutico, pois estamos - hoje - num momento de transformações radicais e esse *novo homem* ainda está em constituição, o que provoca, inevitavelmente, para a maioria, conflitos (ainda que *no fim do túnel* já estejam sendo vislumbrados possíveis modos harmônicos e

² “Conveniente à saúde, útil, benéfico, proveitoso, vantajoso; que tem ou revela saúde de espírito, mentalidade limpa e bem-formada; que proporciona ao espírito vantagem ou bem-estar” (Ferreira, 1986, p.1556) e “Salutar; benéfico” (Barbosa, 2004, p.491).

felizes de se viver dentro desse contexto - de maior insegurança, com o dilema de *crescer/mudar ou permanecer*, mas também amplas possibilidades).

Assim, acreditamos que ter pesquisado e refletido sobre a imagem masculina, disponibilizada em *manuals* de *auto-ajuda* para casais, possa ter contribuído trazendo alguns subsídios que visam possibilitar um melhor entendimento sobre a condição sociocultural do representante masculino na atualidade; e também, elementos para a compreensão da relação homem-mulher por parte, principalmente, de profissionais do campo da psicoterapia e de estudos psicossociais voltados a relacionamentos. Dentre esses subsídios, pode-se destacar a familiarização com os valores e regras no discurso da literatura de *auto-ajuda* circulante no mercado, e uma melhor aptidão para compreender as falas e condutas de clientes, seja na clínica ou em respostas de questionários e entrevistas a estudos psicossociais. Desentendimentos, angústias e ansiedades, muitas vezes, aparecem na dinâmica afetivo-sexual de homens na relação homem-mulher como fruto de uma não compreensão dos diversos fatores que influenciam os relacionamentos por parte dele. Um desses sofrimentos costuma estar associado ao fracasso, por ambos os membros do par, em se encaixarem nos modelos de relacionamento apresentados como ideais pela sociedade. Os resultados desta pesquisa, aqui apresentados, podem agregar, à visão desses profissionais, a consideração da influência dessas variáveis. Em especial, esta pesquisa visou proporcionar um primeiro passo para disponibilizar, no meio acadêmico, perspectivas para ampliar os estudos das temáticas abarcadas, de possível interesse, também, aos sociólogos, antropólogos e comunicólogos, para uma melhor compreensão da nossa realidade psicossocial contemporânea na relação homem-mulher.

Cabe ressaltar que um leque de questionamentos ainda maior foi aberto após a elaboração desta pesquisa como, por exemplo: *como seria a efetiva aplicação das dicas de auto-ajuda no dia-a-dia de casais?*, *como o leitor percebe a ajuda pela leitura de livros desse gênero?*, *a que conclusão a leitora chega sobre o homem retratado nesses livros?*, *qual é a imagem feminina delineada por esses discursos?*, *o que dizem os/as escritores/as brasileiros/as em suas obras de auto-ajuda para casais?*, e ainda, *de que forma o jogo “regra x espontaneidade” se expressa na dinâmica de casais que buscam e colocam em prática essa literatura?*. Muitas portas permanecem abertas que podem enriquecer a

compreensão sobre a questão abordada - “um pesquisador é um estudante por toda a vida, e sua preparação para realizar pesquisas é um trabalho que nunca termina” (Moura e Ferreira, 2005, p.19; Moura et al., 1998, p.21). Enfim, essas são algumas temáticas que podem servir para futuras investigações.

A elaboração desta dissertação conduziu-me para a pesquisa objetiva acerca do tema proposto. A adoção de um ponto de vista - o homem na perspectiva da literatura de *auto-ajuda* para casais - como pesquisadora está relacionada com meus interesses específicos e com a área de saber ao qual, como investigadora, encontro-me vinculada. Esse foco, assim delineado, antecedeu-se a escolha do discurso como objeto de análise. “Não há possibilidade de destacar temas para estudo se não há estudos de temas (...) é necessário ter tido tempo antes para se interessar e refletir sobre temas e questões (...) exige que algumas escolhas tenham sido feitas antes do ingresso numa pós-graduação. Essas escolhas devem ser produto de estudos³ já realizados” (Moura e Ferreira, 2005, p.20). Logo, a minha identificação com o objeto de estudo é algo inevitável. Acredito que a pesquisa e o debate acerca dos papéis masculinos têm implicações para a teoria e a prática psicoterapêuticas, assim como para os estudos sociais. Complementarmente, vale reconhecer que, como pesquisadora, não foi possível uma total isenção e neutralidade na qualidade de interpretadora da realidade discursiva analisada, uma vez que me coube, também sob influência e determinação do pesquisador-orientador a quem estive subordinada, estabelecer a seleção do que foi trazido, a organização e forma de exposição dos dados, bem como a atribuição de significados no exercício da análise de discurso. Caracterizando-se, assim, nesse contexto, um grau de limitação (pela percepção de um sujeito), já que foi apenas uma interpretação, dentre as múltiplas possíveis.

No tocante à temática de pesquisa, a minha atitude social (com seus componentes cognitivo, afetivo e instigador comportamental) nesse dado momento histórico, e a de meu orientador - como atores sociais que somos - foi determinante na construção dessa realidade discursiva adotada para ser interpretada. Merece destaque, ainda, a minha condição de pesquisadora - sexo

³ Guerra dos sexos? Um estudo psicossocial sobre o homem retratado em livro de auto-ajuda (Almeida, 2006), Guerra dos sexos? Comunicação e sexo em mídia impressa (Almeida, 2006) e Como conquistar o amor da sua vida e manter um relacionamento afetivo-sexual rico, prazeroso, feliz, duradouro e estimulante para o crescimento do casal: Um estudo do discurso de auto-ajuda e da Teoria da Argumentação de Chaim Perelman (Almeida, 2006).

feminino, analisando a imagem do sexo oposto, sob a direção de um orientador, também do sexo oposto. Todas essas condições, de certa forma, também influenciaram o modo de desenvolvimento da pesquisa, tendo-se feito presente, inevitavelmente, alguns limites pessoais (por exemplo, os meus processos cognitivos particulares suscitados pelo processo de interação social, as minhas manifestações comportamentais de caráter situacional, o fato de eu ser uma pessoa à luz da cultura em que me insiro, por pertencer a uma determinada entidade social, pelas características culturais do grupo social ao qual pertenço na época atual, e até mesmo, por minhas características biológicas). Como pesquisadora que reconhece esse contexto, procurei, junto ao Prof. Dr. Bernardo Jablonski, no decorrer deste trabalho, buscar o mais elevado grau de clareza e neutralidade na exposição das idéias analisadas, tomando cuidados para o alcance de um máximo de objetividade.

O conhecimento proporcionado por esta pesquisa modificou a minha percepção do tema, pois seus resultados passaram a suscitar reflexões, mais elaboradas, das variadas dinâmicas de relacionamentos afetivo-sexuais. Identificar e compreender melhor a imagem do homem veiculada em obras *Best-sellers* de *auto-ajuda* derrubou algumas crenças pessoais (como aquela de que a literatura de *auto-ajuda*⁴ para casais pode construir autonomia para os membros do par), revelou aspectos “disfarçados” da cultura, propagados também por meio da *literatura de massa* - na qual todos nós estamos submersos -, ajudou-me a compreender melhor a mim própria como membro de um par afetivo-sexual, observando aspectos, na própria dinâmica da relação, que jamais havia chamado a minha atenção. E, finalmente, aperfeiçoou a minha habilidade de escuta, tanto no meio social quanto no meio profissional. Em paralelo, os resultados obtidos foram acrescentados à minha formação acadêmica e refletiram-se na minha posição como profissional, trazendo questões que poderei aprofundar na prática clínica, por um caminho que favoreceu o abandono do conhecimento comum do cotidiano para a adoção de novas reflexões e posturas diante da análise da relação homem-mulher da época atual como, por exemplo, uma ampliação do ponto de vista sobre a condição masculina contemporânea tão complexa, antes temperada por mim,

⁴ Pensando no conceito de *auto-ajuda*, de *si próprio*, posso considerar que há uma indicação no sentido de *ajudar-se*, mas pelos resultados desta pesquisa, ficou mais predominante a idéia de fórmulas prontas/receitas práticas que, nem sempre, proporcionarão autonomia para o leitor.

acentuadamente, pelos aspectos de ordem da psicologia.

Para finalizar, trago experiências de ordem pessoal bastante significativas. Em novembro de 2007, quando confeccionava os arremates desta dissertação, fui presenteada por uma amiga psicóloga (não sabedora da minha condição de mestrandia) com o livro *Por que os homens fazem sexo...*, dos escritores Pease e Pease. Esse presente foi tomado por mim como uma das evidências dos reflexos de meu próprio discurso atual no cotidiano, agora transformado por esta pesquisa, no tocante à relação homem-mulher. Não posso deixar de comentar, também, um outro presente, dessa vez recebido por e-mail, ofertado pelo orientador desta dissertação, a saber: a matéria⁵ (de capa) da revista *Veja*, editada na primeira semana de janeiro de 2008, intitulada *Regras: Por que a vida passou a ser regulada por elas e como saber quais as que funcionam para Liderar, Educar filhos, Se dar bem no trabalho, Superar uma separação, Melhorar a vida sexual, e Não abandonar a dieta*. Esses presentes foram tomados por mim como um estímulo, um reforço, e validação, da relevância e da atualidade do tema adotado para esta dissertação, sinalizando, assim, um mundo contemporâneo com manual de instruções, e a necessidade de se conhecer e estar em sintonia com as demandas e questões atuais, no nosso caso, as instruções veiculadas nos livros de *auto-ajuda* para casais.

⁵ (Souza e Vieira, 2008)